

RESUMO/ ABSTRACT

SÁTIRA E CRÍTICA SOCIAL NUM CONTO DE LIMA BARRETO

Este artigo propõe uma análise do conto “Como o ‘homem’ chegou”, de Lima Barreto, publicado em 1914. Examina a construção narrativa, fortemente satírica, para compreender como os elementos dispersos ao longo do conto chegam a compor uma visão concatenada do país. Também aborda o tratamento, no conto, de instituições como polícia e política, e de assuntos centrais, como progresso, ciência, saber e loucura. Por fim, busca aprofundar a discussão sobre a forma e a durabilidade da sátira de Lima Barreto.

Palavras-chave: Lima Barreto; sátira; conto.

SATIRE AND SOCIAL CRITICISM IN A LIMA BARRETO'S SHORT STORY

This article proposes an analysis of the short story “Como o ‘homem’ chegou”, by Lima Barreto, published in 1914. It examines the construction of the satirical narrative, to understand how the elements scattered throughout the history come to compose an ordered view about Brazil. It also focuses the treatment, in the tale, of institutions, such as politics and police, and central issues, such as progress, science, knowledge and madness. Finally, it makes a profound discussion about the form and the durability of Lima Barreto's satire.

Keywords: Lima Barreto; satire; short story.

SÁTIRA E CRÍTICA SOCIAL NUM CONTO DE LIMA BARRETO

Irenísia Torres de Oliveira

Professora doutora da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza - CE

irenisia@gmail.com.

O conto de Lima Barreto, “Como o ‘homem’ chegou”, é uma sátira muito direta, de ataque às instituições (polícia, política, imprensa, ciência) e à sociedade de maneira geral. Pouco se salva. Foi escrita em 1914, num momento difícil da vida do autor, logo depois de sua primeira internação em hospício, levado num carro forte da polícia, a chamado do próprio irmão.

É uma narrativa um pouco dispersa, cuja razão de ser está na tentativa de alinhar as mazelas, mostrá-las em série, um pouco à maneira do *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Neste, entretanto, ainda temos o fio do projeto nacionalista de Policarpo, que leva o leitor a conhecer os problemas do país. O que dá sequência aos problemas, nesse conto, é a viagem de Manaus até o Rio de Janeiro, opondo a mentira em que todos vivem ao isolamento honesto do “homem” do título.

O conto é a história da prisão de Fernando, o astrônomo um tanto excêntrico que mora em Manaus com o pai e é tomado como louco, por conta da ignorância da família e das maquinações de Barrado, um doutor da mesma cidade que inveja seus conhecimentos. A polícia do Rio, para atender ao pedido de um político influente, manda buscá-lo em um carro forte, puxado por dois burros. A viagem dura quatro anos, passando por lugares do interior do país, até a chegada ao Rio, com Fernando já morto.

As únicas figuras positivas no conto são o astrônomo, o professor de um dos lugarejos onde a caravana para e um dos burros. Todas as outras são satirizadas. O delegado é, ao mesmo tempo, autoritário e subserviente; o alto funcionário da polícia é irresponsável e arbitrário; a família na cidade

pequena é supersticiosa e influenciável; os profissionais liberais e classe média são deslumbrados e servis; o doutor é um cavador charlatão, pernóstico e inescrupuloso, que se faz acompanhar de um jornalista enganador e de um antropólogo charlatão. Em linhas gerais, pode-se perceber que as personagens são caricaturas. Mesmo Fernando, tratado a sério, não chega a ser propriamente uma individualidade. É o homem sábio, tornado excêntrico, num mundo dissoluto.

1. Ridicularização e sátira

O conto é uma sátira da sociedade brasileira, com uma grande diversidade de tipos. Muitas personagens têm denominações genéricas ou nomes ridículos, como delegado Cunsono, chefes políticos Samambaia, Jati e Sofonias, senador Melaço, doutor Sili, doutor Barrado, poeta Machino, jornalista Cosmético, antropólogo Tucolas e ministro Semicas.

Episódios e comentários cômicos se revezam, dominando o primeiro plano. Entretanto, a sátira é suavizada quando se fala de Fernando e, em certos momentos, há espaço para algum lirismo. A posição e os valores do narrador satírico ficam claros. Mesmo assim, no meio dominante, as personagens positivas só podem surgir como descompassadas: Fernando vive no mundo das nuvens, o professor é ingênuo, o burro está manco. De acordo com Anatol Rosenfeld, na obra de Lima Barreto, opõe-se a “suavidade do caráter” dos protagonistas às “dissonâncias estridentes” da sociedade que os rejeita e destrói. “A tensão entre os polos provoca o desmascaramento recíproco: a mansidão revela-se ao mundo como ridiculamente inadequada e o mundo perante o bem como cruel, obstinado e repugnante” (ROSENFELD, 1994, p. 121).

Como se disse antes, existe nesse conto a intenção subjacente de abarcar toda a sociedade, nos vários domínios da vida e do poder em que ela mesma se propõe, assim como acontece no romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*. No curto espaço da narrativa, isto significa uma rápida profusão de episódios, com mudança de tempo e local, além das personagens envolvidas.

A narrativa começa com uma ironia bem direcionada: “a polícia da república, como toda a gente sabe, é paternal e compassiva no tratamento das pessoas humildes que dela necessitam” (BARRETO, 1990, p. 178). Depois passa pela imprensa, reclamando a falta de divulgação do caso que vai relatar, apesar de os jornais apreciarem os “*clichés* bem macabramente mortuários” e mais adiante desclassifica abertamente os partidos políticos do lugar: “o programa do partido de Melaço era não fazer coisa alguma e o do contrário tinha o mesmo ideal” (1990, p.180).

O primeiro episódio narrado acontece na delegacia de um lugarejo pertencente à circunscrição do delegado Cunsono; trata-se de um caso de defloração. O delegado intervém para arranjar o matrimônio e, mais que isso, convencer o rapaz a votar no partido indicado por ele. É imediata a

relação entre polícia e política.

No mesmo instante, Cunsono recebe de Sili, assessor do “chefe inacessível”, a ordem para mandar buscar um louco em Manaus. O delegado debate-se com a dúvida acerca da legalidade da incumbência, mas termina vencendo os escrúpulos para mostrar serviço ao chefe, afinal “a lei era ele”. A única dúvida era qual transporte utilizar para trazer o louco. Pensa em mandar um couraçado, mas é convencido pelo ajudante Hane, que conhecia “os compassivos processos policiais”, a solicitar o carro-forte.

Fernando, o suposto louco, havia sido vítima, na verdade, das calúnias de Barrado, “um catita do lugar, cheiroso e apurado no corte das calças”, que se empenhara na prisão daquele que considerava seu rival. Barrado apresenta-se para auxiliar na diligência, com o intuito de agradar ao poderoso chefe político Sofonias, a quem a seriedade de Fernando também incomodava, e obter dele o lugar de Diretor Geral das Estrelas de Segunda Grandeza. Cargos amalucados como esse aparecem frequentemente na obra de Lima Barreto, condenando o hábito corrente na república de abrigar parentes, agregados e cabos eleitorais no serviço público. A boa aparência é um requisito importante na competição por esse tipo de colocação, de acordo com Nicolau Sevcenko:

a aparência elegante, smart, torna-se um requisito imprescindível – se acompanhada do título de doutor ou honoríficos correlatos, tanto melhor – para uma forma de parasitismo espúrio grandemente disseminado, verdadeiro peculato, às expensas do orçamento público: a *cavação* (SEVCENKO, 1985, p. 40-1).

Por um lado, existe uma preocupação com a aparência, como uma espécie de justificativa ou critério, mas por outro também certa desfaçatez, porque os cargos são claramente ridículos também na vida real. Isso obviamente empurra a sátira para uma posição mais ostensiva.

O embarque do carro-forte para Manaus também é ocasião para algumas situações muito cômicas, porque primeiro o doutor tem a ideia de enviá-lo boiando, já que os couraçados também são pesados e ficam em cima d’água. Os burros iriam, naturalmente, nadando na frente. A caixa de ferro afunda, como era de se esperar, “com grande desprezo pela hidrostática do doutor”. Depois resolvem embarcá-lo em um pacote, mas não sabem onde devem ficar os burros. Telegrafam ao doutor Sili e logo recebem a resposta clara e concisa: “Burros sempre em cima. Sili”. A este “apoteagma”, segue-se o comentário do narrador:

opinião como esta, tão sábia e tão verdadeira, tão cheia de filosofia e sagacidade da vida, aliviou todos os corações e abraços fraternais foram trocados entre conhecidos e inimigos, entre amigos e desconhecidos.

A sentença era de Salomão e houve mesmo quem quisesse aproveitar o apotegma para construir uma nova ordem social (BARRETO, 1990, p. 186)¹.

Já no pacote, a prisão blindada é alvo de verdadeira adoração dos viajantes. Um oficial, um médico, um advogado, um literato, um sicofanta e uma moça soltam expressões de admiração, ao saberem que o carro acompanha um recomendado de Sofonias: “houve mesmo escala para dar ração aos burros, pois os mais graduados se disputavam a honraria” (p. 187). Só o criado escapa ao fascínio: olha com desdém para a geringonça que lhe perturba o serviço.

Chegando a Manaus, a comitiva, sob as ordens de Sili, monta um verdadeiro trem de guerra para capturar o louco, mas não consegue prendê-lo. Um dia, por acaso, Barrado vai encontrá-lo sozinho em um café no centro comercial, conversa com ele sem reconhecê-lo, depois se dá conta de quem se trata e mete-o no carro-forte. A viagem de volta é por terra, aos solavancos e sob um sol inclemente. Tucolas, nas paradas pelo caminho, captura formigas para fazer medidas antropométricas, depois passa para as ostras, interessado em suas caixas cranianas. Durante o percurso, os dois falam sobre cargos e influências políticas. Após dias de viagem, param em uma aldeia pobre, à margem de um rio, em busca de hospedagem e alimentação. Consultam Sili, para saber se podem tirar Fernando do carro, mas a resposta é negativa: segundo o regulamento, o ar fazia mal para esse tipo de preso.

No jantar, acontece o desentendimento entre Barrado e o professor público, por questões gramaticais. O professor é referido como ingênuo, cândido, manso, meigo e seguro, diante da arrogância do doutor. Os viajantes sentam-se à mesa com ele, que aproveita para falar sobre o lugar, a falta de interesse dos jovens pelo estudo, o desejo de progresso, a dependência da caça para viver, as dificuldades da agricultura. A cada frase diz “tirante isso”, “tirante aquilo” e também “a gente”. Barrado, que tem fumaças de gramático, vai se irritando com o modo de falar do professor, “um falar de preto mina!”. No fim, o professor traz uma gramática para mostrar que não havia cometido o solecismo de que lhe acusara Barrado e este vai embora, despeitado e furioso.

A comitiva esdrúxula continua a longa viagem, passando por montanhas e rios. Numa travessia, acabam sendo atacados por jacarés, que arrancam a pata de um dos burros, mas não consegue ferir Barrado, por causa da pele muito dura. O animal recupera-se milagrosamente e continua a marcha. O cocheiro avisa, em dado momento, que o homem deve estar morto. Já cheira mal. Mas Barrado não abre o carro porque é contra o regulamento. Levam meses andando, com o burro aleijado mancando

¹ O comentário do narrador aproxima o “apotegma” de Sili da teoria do medalhão e do segredo do bonzo machadianos. Em todos eles, a charlatanice é convertida em sabedoria e sistema.

atrás. Os urubus esvoaçam sobre a caravana e Barrado se encarrega de espantá-los.

Passados dois anos, acontece o último episódio satírico da viagem. Ao chegarem à aldeia dos Ser-radores, nas margens do Tocantins, está ocorrendo a disputa para preenchimento de uma vaga na Academia dos Lambrequins. Logo que sabe, Barrado trata de se candidatar. “– Moço, o senhor sabe fazer lambrequins? – Não sei, não sei, mas aprendo na academia e é para isso que quero entrar” (p. 194). Barrado não é eleito, perde para um serrador mais hábil e segue viagem.

Ao fim de quatro anos, a caravana chega ao Rio de Janeiro. A porta do carro não abre com a chave, está emperrada devido aos trancos e acidentes da viagem. É chamado um serralheiro. O exame do doente, determinado por Sili, é feito “numa atmosfera de desinfetantes, (...) no necrotério público”. A frase final ainda é dirigida ao delegado Cunsono. Este foi o destino do enfermo, pelo qual ele tão solicitamente se interessara.

A intenção de ataque das mazelas da república e de seus beneficiários, nesse conto, é mais forte do que a disposição de contar uma história de maneira realista, de articular minuciosamente relações sociais, de procurar compreender motivações. Não interessa para o autor os motivos que explicariam o comportamento de um tipo como Barrado, nem como Sofonias. Mais importante é identificá-los, através de comentários e episódios, e puni-los com o ridículo. Um texto como esse visa principalmente ao presente, busca tomar posição diante da ordem estabelecida e seu forte é um profundo senso das circunstâncias. Nem todas as narrativas de Lima Barreto têm uma ligação tão forte com a ação imediata como essa, embora em maior ou menor grau o autor sempre desejasse intervir.

A crítica contemporânea de Lima Barreto tendeu a ver em sua preferência pelo presente concreto uma condenação ao desaparecimento. Medeiros e Albuquerque, em uma crônica, e José Veríssimo, em carta ao escritor, fazem críticas severas ao romance *Recordações do escrivo Isaias Caminha*, devido ao aspecto caricatural de seus personagens. Era o primeiro romance publicado por Lima Barreto. Os dois críticos importantes na época elogiam o estilo do romance, considerando-o já maduro, mas condenam veementemente a proximidade “perigosa”, a coincidência muitas vezes, de seus personagens com pessoas reais. Num trecho da carta, José Veríssimo procura dar ao escritor estreante ao mesmo tempo um esclarecimento e um aviso:

a cópia, a reprodução, mais ou menos exata, mais ou menos caricatural, mas que se não chega a fazer síntese de tipos, situações, estados d’ alma, a fotografia literária da vida, pode agradar à malícia dos contemporâneos que põem um nome sobre cada pseudônimo, mas, escapando à posteridade, não a interessando, fazem efêmero e ocasional o valor das obras (BARRETO, 1956, p. 204).

O crítico tem razão. A obra literária precisa continuar fazendo sentido para a posteridade, se quer durar. Estudos mais atuais vêm mostrando por que Lima Barreto sobreviveu como escritor, com seus *romans à clef* e suas caricaturas, enquanto outros autores que pretendiam escrever de maneira diretamente atemporal e universal desapareceram. Lima Barreto mesmo acreditava que, depois de esquecidas as pessoas nas quais se inspirou, as personagens sobreviveriam. É essa a resposta que dá, numa carta, à crônica um tanto dura de Medeiros e Albuquerque (BARRETO, 1956, p. 198). Ele estava certo. Mais adiante, procuramos refletir sobre as razões dessa permanência.

2. Isolamento

O conto “Como o ‘homem’ chegou” é fortemente satírico, mas em alguns momentos a veia corrosiva se torna mais suave. O vilarejo remoto, que o delegado visita de vez em quando, é descrito idilicamente. Calmo, ordeiro, sem riqueza e sem ladrões, tinha espaço para todos que quisessem ali viver, mesmo que “em choças ligeiras sobre chãos de outros donos mal conhecidos” (p. 178). A delegacia praticamente não tinha movimento e os inspetores viviam esquecidos de “sua condição de sustentáculos do Estado”. Os únicos casos registrados eram os de defloração e mesmo assim a lei apenas “sagrava o que já havia sido abençoado pelas prateadas folhas das imbaúbas, nos capoeirões cerrados” (p. 180). Num ritmo mais suave, o narrador descreve o lugar e sua pequena vida, ocupações e contravenções, a economia pouco complexa, as relações sociais quase espontâneas. Fora disso, há o delegado que vem de tempos em tempos certificar-se de que a lei e os regulamentos estão sendo cumpridos e se chateia com a ociosidade de todo esse aparato na pequena comunidade: “houve alguma prisão? não doutor; e a frente do doutor se anuviava, como se sentisse naquele desuso do xadrez a morte próxima do Estado, da Civilização e do Progresso” (p. 179).

O modelo de lugar sossegado e idílico pode ser o próprio subúrbio do Rio do Janeiro, a julgar pela crônica publicada em 28.12.1914. Nesta, Lima Barreto faz menção a notícias de jornal que informam e reclamam das delegacias suburbanas, onde, numa noite passada, um delegado teria encontrado “comissários a dormir e soldados a sonhar”. Como de fato a vida ali era muito tranquila, quase não se tendo notícia de crimes, a conclusão da crônica é contrária à exigência dos jornais de maior atuação policial no subúrbio:

os policiais suburbanos têm toda a razão. Devem continuar a dormir. Eles, aos poucos, graças ao calejamento do ofício, se convenceram de que a polícia é inútil.

Ainda bem (BARRETO, 2004, p. 130).

Fernando é outro ponto de inflexão da sátira. Vive sozinho com o velho pai numa chácara nos arrabaldes da cidade e dedica-se à astronomia. “Abandonara, não de todo, mas quase totalmente a terra pelo céu inacessível”. O personagem está num ponto distante do país. A chácara, a astronomia, a matemática, a inteligência pura constituem um refúgio tanto da ignorância quanto da mentira em que vivem todos os outros personagens. É como se, para estar fora do jogo, fosse necessário ser um pouco excêntrico, “descompassado”, como se diz no conto.

O professor do sertão, igualmente valorizado, vence o duelo contra a presunção de Barrado. No interior do país, sem apoio do governo, mas desejando o progresso, ele e o lugarejo mantêm-se longe das disputas do centro. Outro personagem inesperadamente positivo é um dos burros, que fica aleijado depois de um ataque de jacarés. De toda a comitiva, é o único que tem piedade de Fernando, demonstrando mais humanidade que os humanos.

O vilarejo pacato, o estudioso isolado na chácara nos confins de Manaus, o professor no sertão e o burro aleijado são opostos aos que representam o Estado, a Civilização e o Progresso, com letras maiúsculas: o delegado, o doutor, o chefe de polícia, os políticos, literatos, jornalistas e antropólogos, além da sociedade de classe média deslumbrada com os poderosos.

As figuras positivas promovem a suavização da sátira, no plano da narrativa, e representam pontos cegos no emaranhado de interesses das instituições republicanas. O lugarejo sem lei e sem crimes está fora porque ainda não foi afetado pela modernização e tem a possibilidade de desdenhar os aparatos policiais. O professor sertanejo também ainda não foi afetado pelo progresso, que espera chegar em forma de expectativa para os jovens e apoio à agricultura. Fernando também está excluído porque não deseja cargos, dedica-se à busca do conhecimento pelo amor ao saber; e o burro manco olha tudo de longe, porque se tornou inútil para o trabalho.

O isolamento assume um valor positivo em relação ao jogo viciado do poder, mas o progresso possui vários significados no conto. É bom quando ele ainda não chegou em forma de riqueza, trazendo consigo roubos e crimes, exigindo o endurecimento e o cumprimento das leis. Mas é desejado, no sertão, para auxiliar numa agricultura dificultada pelas condições naturais e para incentivar a educação. É possível perceber que Estado e progresso são pensados juntos. No primeiro, o Estado aparece como instituição repressiva, e é supérfluo; no segundo, é ausente, não apoia e não cumpre seu papel de trazer o progresso. O primeiro significa riqueza e propriedades; o segundo é o apoio ao mais fraco, propriamente civilizatório.

O isolamento de Fernando, confrontado com a mobilização de forças para prendê-lo e matá-lo, reforça a ideia de um sistema viciado e intolerante, que vai buscar seja onde for os seus dissidentes com os meios mais disparatados. Os anos turbulentos da República Velha e a Campanha de Canudos devem ter deixado na atmosfera essa impressão de intolerância e desproporção, que encontramos no conto de Lima Barreto.

3. A polícia

O ataque à polícia, ao que parece, é a motivação do conto, pois este começa e termina com ironias à instituição, de como trata bem os que dela necessitam etc. Daí as críticas resvalam para o poder político e toda a esfera pública. O delegado Cunsono, na intervenção junto ao casal de namorados, está mais preocupado em conciliar questões partidárias dos chefes locais do que com aspectos legais ou familiares. Além disso, Sofonias, o poderoso chefe político, apesar de ser apenas mencionado no conto, paira sobre toda a expedição a Manaus e também deseja livrar-se de Fernando. O conto estabelece uma clara ligação entre polícia e política, normalmente subordinando a primeira à segunda.

O narrador evita focar os polos mais altos do poder, deixando o imbróglio nas mãos de auxiliares e subordinados, com poderes praticamente ilimitados e atuações arbitrárias. “Sili, o doutor Sili, bem como Cunsono, graças à prática que tinha do ofício, dispunham da liberdade dos seus pares com a maior facilidade” (p. 183). Por outro lado, este poder direto e arbitrário, ligado à pessoa (a lei era ele!), se alia a uma espécie de indiferença protocolar e burocrática: “era um contínuo trazer um ofício, logo, sem bem nem pensar no que faziam, sem lê-lo até, assinavam e ia com essa assinatura um sujeito para a cadeia, onde ficava aguardando que se lembrasse de retirá-lo de lá a sua mão distraída e ligeira” (p. 183).

O conto traça, logo de início, a ligação nociva de polícia, política e burocracia, traduzida na combinação de arbítrio e indiferença burocrática. A técnica narrativa consiste em trazer os elementos aos poucos, em episódios e comentários curtos, dispersos ao longo do texto, mas que estabelecem relações, de maneira que, começando pela polícia, depois se estende para toda a esfera pública: política, imprensa, ciência.

4. O carro-forte

A “prisão blindada” de Fernando tem uma existência quase autônoma e recebe atenção especial no conto, sendo descrita e mencionada várias vezes ao longo da narrativa. A primeira descrição é feita de dentro do carro, enfatizando as sensações de desconforto e clausura:

no tal carro feroz, é tudo ferro, há a inexorável antipatia do ferro na cabeça, ferro nos pés, aos lados – uma igaçaba de ferro em que se vem sentado, imóvel, e para a qual se entra pelo próprio pé. É blindada e quem vai nela levado aos trancos e barrancos de seu respeitável peso e do calçamento das vias públicas, tem a impressão de que se quer lhe poupar a morte por um bombardeio de grossa artilharia para ser empalado aos olhos de um sultão. Um requinte de potentado asiático (p. 183).

Visto de dentro, impõe-se a presença do ferro por todos os lados, em contato com o corpo desamparado, que sofre com o próprio peso nos solavancos do caminho. O sentimento é de incompatibilidade e desproporção.

O narrador aplica vários termos ao carro forte, a cada vez que o menciona: prisão de Calístenes blindada, chapeada, couraçada; calistênica; bendegó feio e brutal, estúpido e inútil, como um monstro de museu; estafermo; almanjarra pesadona, ergástulo ambulante; meteorito; caranguejola; cárcere ambulante; forno ambulante. São negativas, pois o narrador vem de uma visão do carro por dentro. As denominações prisão de Calístenes e calistênica prefiguram o destino de Fernando, já que Calístenes, cronista grego da expedição de Alexandre na Ásia, teria morrido na prisão, por maus tratos e inanição. O cronista, homem sábio e altivo, recusara-se à prostração exigida por Alexandre.

A presença do carro, na sua materialidade brutal, impõe-se durante a narrativa. Visto de fora, no pacote, representa o poder de Sofonias. É o instrumento, a presença material do poder e da violência, no que estes têm de odioso e sedutor. Os viajantes no barco e o governador em Manaus só têm olhos para ele, extasiados. Primeiro, elogiam-no pelo engenho construtivo e a elegância das linhas, usando uma espécie de semântica moderna, para entregarem-se finalmente à adoração religiosa: “Nos últimos dias, quando um qualquer dos passageiros dele se acercava, passava-lhe pelo dorso negro a mão espalmada com a contrição religiosa de um maometano ao tocar na pedra negra de Caaba” (p. 187).

Só o criado fica imune ao fetiche. De maneira pontual, aparece no conto essa discreta aposta da obra de Lima Barreto na solidariedade entre os mais fracos, os mais pobres, os marginais².

5. Loucura

O tema da loucura é recorrente na obra de Lima Barreto. No romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* encontram-se algumas de suas representações mais sensíveis, nas figuras do próprio Policarpo, desatinado e incompreendido no seu sonho de um país independente, e de Ismênia, a moça que perde o sentido de tudo depois de abandonada pelo noivo, não pela dor de amor, mas pela ideia fixa do casamento.

² Para Antonio Candido, o ritmo profundo da literatura de Lima Barreto está em exprimir “questões particulares” com “espírito geral”. De fato, a motivação deste conto, inclusive a má vontade com a polícia, pode ser identificada numa situação particular da vida do autor, mas a ficção a ultrapassa em muito. O crítico aponta ainda como central na obra do autor o “compromisso por solidariedade”: “o sentimento de participar da mesma humanidade frágil, sujeita à marginalização social da prostituta, ao esmagamento do pobre, à alienação do insano, faz por contágio que o sentimento pessoal se torne verdade para os outros; e a verdade dos outros, experiência pessoal” (CANDIDO, 1989, p. 49).

Fernando é mais um dos loucos de Lima Barreto, mesmo não sendo propriamente louco. Vive isolado do mundo, numa chácara, entregue à “inocente mania” da observação dos astros e ao estudo da matemática, “com afinco e fúria de um doido ou de um gênio”. O vínculo entre conhecimento e loucura também aparece outras vezes na obra de Lima Barreto, sendo tratado nesse conto com algumas implicações a considerar.

Uma delas é o desligamento do estudioso de aspectos mais práticos da vida. Fernando quase trocaria a terra pelo céu. Era uma pessoa diferente. Por isso, foi tomando a fama de louco: “certos gestos, certas despreocupações e mesmo outras manifestações mais palpáveis, pareciam justificar o julgamento comum” (p. 184).

Outro aspecto tratado, nesse caso, é o da reação da família, que se sente envergonhada pelo parente e na obrigação de tomar alguma providência para curá-lo. O veredito da loucura, numa comunidade mais ou menos fechada, é implacável. A fragilidade do indivíduo decretado louco está bem representada no desamparo de Fernando no carro-forte, entregue a más intenções e regulamentos estúpidos.

6. Saber e ciência

Em parte, a crítica relacionada com a ciência, neste conto, repousa sobre o fato de que os doutores não conhecem tanto quanto deveriam, aliás, são completamente estúpidos, desconhecendo noções elementares que mesmo pessoas sem estudo adquirem pela experiência. Os episódios de embarque e desembarque do carro-forte são muito engraçados por causa das dúvidas de Barrado, sobre se o carro boia ou não boia e suas conclusões erradas a respeito, que terminam em confusão. O carro afunda “com grande desprezo pela hidrostática do doutor”.

Na mesma linha, aparecem as alusões à geografia e leitura dos mapas. As distâncias são interpretadas sem noção de escala, tomando-se grandes extensões como pequenas, devido ao tamanho da distância no mapa. A geografia dos doutores é um completo absurdo. Tanto que a caravana acredita que vai chegar logo ao Rio e demora quatro anos.

Em relação à antropologia, a crítica tem mais nuances. Tucolas é um antropólogo amigo de Barrado, que se oferece como guia para levar o carro até o Rio. Considera-se habilitado para isso, por ter realizado viagens científicas pelo interior do Brasil, recolhendo formigas para medições antropométricas. “Era sábio naturalista, e antropologista, e etnografista da novíssima escola do conde de Gobineau, novidade de uns sessenta anos atrás; e, desde muito, desejava fazer uma viagem daquelas para completar os seus estudos antropológicos nas formigas e nas ostras dos nossos rios” (p. 190).

A narrativa, além de atribuir à ciência o absurdo de aplicar métodos sem qualquer critério (o que de fato acontecia), mostra o hábito intelectual antigo de buscar novidade no exterior e submeter-se às suas imposições. No caso da antropologia, desde cedo Lima Barreto previa os perigos a que podia levar. Em um escrito de diário, mostrava-se alerta para o sortilégio de se pretender estar lidando, não com um “preconceito”, mas com um “conceito”, ou seja, não com uma opinião, mas com algo que se pretendia fato, quando se tratava de definir raças superiores e inferiores. Escreve, no ano de 1905, com grande acuidade a respeito das ideias científicas do período: “Atualmente, ainda não saíram dos gabinetes e laboratórios, mas, amanhã, espalhar-se-ão, ficarão à mão dos políticos, cairão sobre as rudes cabeças da massa, e talvez tenhamos que sofrer matanças” (1993, p. 71).

7. Possibilidades e implicações da sátira de Lima Barreto

O conto é satírico, do começo ao fim, marcando de várias maneiras o intervalo entre ser e dever. Nesta espécie de mundo fantasmagórico, ninguém é o que se espera, ninguém corresponde a algum tipo de modelo: nem o delegado e a polícia, nem a imprensa, nem os políticos, nem intelectuais e cientistas. Também o próprio espaço narrativo é mais remoto e primitivo do que se espera e a vida que nele se desenrola trai o supérfluo de instituições modernas como a polícia, por exemplo, ou mesmo a política, que se reduz a um jogo de interesses pessoais. É sobretudo a vida pública no Brasil que este conto desqualifica, reduzindo-a, como se disse antes, a uma fantasmagoria.

Hegel condena a sátira pela dualidade que instala entre subjetividade e objetividade, pela perspectiva do narrador satírico traduzida na sentença “eu sou bom, o mundo é ruim”, sem pontos de contato que relativizem o absoluto dos termos antagônicos. A oposição insuperável entre o eu e o mundo seria o sinal de decadência do mundo representado, cujas leis ter-se-iam enrijecido em um formalismo estéril. Roma seria o berço da sátira (HEGEL, 1971, p. 559-63). Mas no conto de Lima Barreto, a situação é outra. Não se trata de um conjunto de leis ou modelos que se tornou obsoleto, que deixou de valer ao ser ultrapassado por realidades maiores e novas. Os modelos aqui se impõem, “eles dizem o caminho”, como no verso de Drummond, com poder de cancelar a “inadequação” da vida que levamos, mas não de escapar ao sistema ideológico local, onde passam a valer segundo outra lógica, como argumenta Roberto Schwarz no livro *Ao vencedor as batatas* (2000).

O problema do desajuste entre modelo europeu e realidade brasileira, que resulta num sentimento de “desconcerto”³, vai acompanhar longamente o intelectual brasileiro, e propõe-se também na obra

³ “Assim, posto de parte o raciocínio sobre as causas, resta na experiência aquele ‘desconcerto’ que foi o nosso ponto de partida: a sensação que o Brasil dá de dualismo e factício – contrastes rebarbativos, desproporções, disparates, anacronismos, contradições, conciliações e o que for” (SCHWARZ, 2000, p. 21).

de Lima Barreto. Neste conto, em particular, a sátira ataca o desajuste da esfera pública, na qual as instituições burguesas mostram-se ora supérfluas, ora manipuláveis. O desconcerto, portanto, que, segundo Roberto Schwarz favorecia o ceticismo em relação às ideologias importadas, serve, neste conto, como ponto de partida para um ataque direto às instituições, ou seja, para um ponto de vista crítico, que se torna militante.

A profusão de episódios, no conto como no *Triste fim de Policarpo Quaresma*, provavelmente tem a função de mostrar a unidade na variedade da estrutura social brasileira. A perspectiva aqui já é a da necessidade de mudança estrutural, a da revolução, e não simplesmente a da adequação a modelos, pelo avanço em campos diferenciados. O surgimento da perspectiva da revolução, diante da qual não se sabe como agir, é uma das novidades e impasses da obra de Lima Barreto. Valeria a pena tirar a paz da multidão inconsciente? Pregar um ideal de força? Destruída esta, não sobrevirá outra forma de opressão? Por outro lado, mantida a mais perfeita doçura, seria possível manter-se a salvo da violência? O conto analisado desmente esta possibilidade e mantém o impasse, que é histórico.

A sugestão de Hegel sobre uma cisão moral na constituição da sátira não se encontra neste conto. Não há lições a tirar dele, não se trata de buscar uma mudança de comportamento. O resultado de seus impasses é sobretudo negativo. O polo positivo representado por Fernando é frágil demais para que possa surgir como alternativa ao existente, mesmo em termos de ética individual. Só um burro manco se solidariza com ele. Este sentimento de desproporção, traduzido em desamparo de toda a comunidade humana, faz diferença e é um tipo de deformação advindo não da sátira, como gostaria de sugerir, mas das formas da experiência social brasileira.

O sentimento de desconcerto e de desproporção surge, neste conto, do ponto de vista do oprimido. Desproporção da força, da violência, do controle, das punições. É do ponto de vista de Fernando que a máquina de guerra surge como absurda. Fabiano, de *Vidas secas*, acossado pela seca, o patrão e o governo, confirma também a relação que humilha e abate: “Fabiano, você é um bicho”. O Estado, controlado pelos inimigos, virá buscar o frágil indivíduo no lugar mais remoto, para fechá-lo em uma caixa de ferro e transportá-lo até a morte. Este fantasma medonho tornou-se verdade para muitos, quase até para o próprio Graciliano Ramos, criador de Fabiano. Nas *Memórias do cárcere*, o autor lembra ter sido levado preso pelo mesmo soldado a quem negara um favor pessoal dias antes. Fica a dúvida se a prisão brutal e sem acusação de Graciliano teria também a ver com essa mesquinhez, além da política. Enfim, uma desproporção tamanha. A diferença é que, no caso de Fernando (assim como no de Fabiano), a possibilidade de dispor do outro sem limites não está associada ao regime ditatorial, mas à fragilidade diante do sistema de opressão. Para Walter Benjamin, “a tradição dos oprimidos nos

ensina que o estado de exceção em que vivemos é a regra”⁴. Assim, a fantasia do escritor, que distorce e exagera, alcança a realidade lá onde parece tê-la abandonado para seguir sozinha:

cada frase [da obra de Kafka] traz a marca de um espírito seguro de si, mas também foi anteriormente arrancada da zona da loucura na qual todo conhecimento deve se aventurar para se tornar de fato conhecimento, principalmente em uma era na qual o sadio bom senso apenas contribui para reforçar o ofuscamento geral (ADORNO, 1998, p. 241).

Pode-se dizer, portanto, que os extremos da sátira de Lima Barreto advêm não da liberdade conferida pelo gênero, da possibilidade subjetiva de atacar desafetos, mas de certa percepção das desproporções e perversões do meio em volta. Se não, como explicar a vigência ainda atual dessas caricaturas que fazem agora já um século? E o poder de mobilização dessa junção de piada e desalento, sem qualquer idealização? E a capacidade de relacionamento com outras visadas radicais da sociedade brasileira?

Os burros que dão n’água, literalmente, a eleição para a academia dos lambrequins, o cargo de Diretor Geral das Estrelas de Segunda Grandeza, a máxima “burros sempre em cima”, a confusão entre a distância real e a escala dos mapas, são formas muito simples e diretas de sátira. Elas reclamam da falta de justificação e consistência da esfera pública, na qual se situa a política, o aparelho de estado, a ciência, a polícia, a imprensa, e que está ali, no conto estudado, para oprimir o intelectual verdadeiro, o indivíduo autônomo, fora do jogo. Este sairá perdendo na competição com o “cavador”. Mas, como vimos, suas consequências críticas vão ainda mais longe. O motivo disso parece-me estar numa situação anterior. A visão profunda da crítica de Lima Barreto no recuo subjetivo proporcionado pela condição cindida de intelectual, que se separou de sua classe pela educação (um tema obsessivo em sua obra), mas continua ligado a ela pela pobreza e a radicalidade. Esta falta de identidade consigo mesmo, à qual corresponde uma consciência atormentada mas lúcida, é fundamental para a obra de Lima Barreto. Se não me engano, é esta consciência da separação (em si mesma um fenômeno histórico) que impede o mergulho num subjetivismo seguro de si, que fixaria sua sátira no puramente circunstancial. Quando o intelectual militante ou apenas honesto (*mon semblable, mon frère*) aparece na narrativa, esta consciência não impede mas também não cede à simpatia, como nos casos dos protagonistas Fernando ou Policarpo. É possível perceber que o narrador simpatiza com os dois, pessoalmente, mas nem por isso os preserva.

⁴ “Die Tradition der Unterdrückten belehrt uns darüber, dass der ‘Ausnahmestand’, in dem wir leben, die Regel ist” (BENJAMIN, 1977, p. 254).

Também aí, suponho, originam-se a negatividade de suas histórias, a rejeição das ilusões disponíveis em seu tempo, a ultrapassagem de uma postura de “bom-senso” em direção ao absurdo de funcionamentos e consequências da vida presente e a atração pelo impasse subjetivo. Talvez ainda esse complexo explique, além do imobilismo da sociedade brasileira que as histórias de Lima Barreto denunciam sem cessar, por que elas escaparam do veredito dos críticos seus contemporâneos e continuam a interessar.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor W. *Prismas: crítica cultural e sociedade*. Trad. de Augustin Wernet e Jorge Mattos Brito de Almeida. São Paulo: Ática, 1998.

BARRETO, Lima. “Como o ‘homem’ chegou”. In: _____. *Contos reunidos*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Garnier, 1990. p. 178-94.

_____. *Correspondência*. Tomo I. São Paulo: Brasiliense, 1956.

_____. *Um longo sonho do futuro: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas*. Rio de Janeiro: Graphia, 1993.

_____. *Toda crônica*. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

BENJAMIN, Walter. “Über den Begriff der Geschichte”. In: _____. *Illuminationen: Ausgewählte Schriften I*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp Verlag, 1977.

CANDIDO, Antonio. “Os olhos, a barca e o espelho”. In: _____. *A educação pela noite e outros ensaios*. 2ª. ed. São Paulo: Ática, 1989.

HEGEL, G. W. F. *Ästhetik I/II*. Stuttgart: Reclam, 1971.

ROSENFELD, Anatol. “A obra romanesca de Lima Barreto”. Trad. de J. Guinsburg. In: FERNANDES, Nanci; GUINSBURG, Jacó (orgs.). *Letras e leituras*. São Paulo: Perspectiva, EDUSP; Campinas: Ed. UNICAMP, 1994. p. 117-35.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. São Paulo: Brasiliense: 1985.

Recebido em 27 de setembro de 2009

Aprovado em 18 de outubro de 2009